

## **AGBALÁ: SEMENTE E MEMÓRIA AFRICANA ENRAIZADAS NA CULTURA BRASILEIRA.**

DENISE SILVA DOS SANTOS.

### **Resumo**

Símbolos, formas, cores, mistérios, histórias coletivas e pessoais que não foram esquecidas no porão dos navios negreiros constituem o verdadeiro tesouro cultural, presente na obra "Agbalá, um lugar continente" (2001), da escritora e ilustradora mineira Marilda Castanha. Parte integrante de uma coleção denominada "Histórias para contar história", composta por cinco livros que tratam de fatos importantes da história do nosso país, essa obra, voltada para o público juvenil, traça um novo olhar sobre a trajetória dos negros em solo africano e brasileiro, além de ser um convite para adentrar a cultura africana, tão importante para a formação da identidade de nosso povo. A sanção da Lei 11645/08, que tornou obrigatório o estudo das culturas afro-brasileira e indígena nas escolas de todo o Brasil, aponta para a urgência em conhecer a diversidade cultural desses povos, assim como para a necessidade de desconsiderarmos os estereótipos que com frequência recaem sobre o continente africano. Com enfoque nos referenciais afro-brasileiros, este trabalho se propõe a analisar os aspectos sócio-culturais vindos de África presentes na obra em questão e que delinearão, direta ou indiretamente, a cultura brasileira. Na perspectiva de análise guiados pelo viés literário de Marilda Castanha, buscaremos compreender o Agbalá que existe em cada um de nós.

### **Palavras-chave:**

África, Cultura, Identidade.

"Raça Negra, heróica raça,  
Que traz na pele os mistérios da noite  
E na alma a claridade do Sol.  
Raízes de tantas lutas  
Onde foi forjada a raça brasileira."

(ROSSI *apud* FONSECA JÚNIOR)

Quando observamos os nossos costumes, percebemos que com grande participação da cultura africana foi forjada a cultura brasileira. Devemos, no entanto, entender "forjada" no sentido de formar um todo a partir de vários itens. É exatamente essa ideia de composição, totalidade, de envolvimento que o título da obra de Marilda Castanha nos apresenta - *Agbalá: um lugar continente* (2007). Sendo assim, este trabalho se propõe a analisar os aspectos sócio-culturais vindos de África que delinearão direta ou indiretamente a cultura brasileira revistos por Marilda Castanha em *Agbalá: um lugar continente* (2007).

Instigando a curiosidade, usada como um instrumento de sedução ao pequeno leitor, a língua iorubá aparece no título do livro. Essa é uma língua africana antiga falada em alguns países ao sul do Saara ao lado de outros idiomas. Em alguns países como o Brasil, o iorubá está presente em ritos afrobrasileiros, sendo, nesse caso, chamado de Nagô.

Segundo o *Dicionário Yorubá (Nagô) Português* (1988) do filólogo e historiador Eduardo Fonseca Júnior, *agbalá* tem como significado "jardim cercado de muro" (1988:15). Nessa perspectiva, podemos entender jardim como equivalente ao continente africano que se encontra cercado tanto pelo muro-oceano quanto pelo muro de estereótipos que foi levantado em torno de si ao longo de sua história. Sendo um jardim, as flores nele contidas poderiam ser definidas como a diversidade cultural presente em África, que com suas cores e cheiros perfumam e embelezam todo esse continente.

No entanto, de acordo com entrevista concedida exclusivamente para este trabalho, Marilda Castanha nos conta que a inspiração para o título da obra em foco veio não de seu significado enquanto substantivo, apresentado no parágrafo anterior, mas sim de sua origem - *gbá* - que, também de acordo com FONSECA JÚNIOR (1998), significa receber, tomar, aceitar, admitir, reconhecer. Sendo assim, a autora define *agbalá* como "o que contém, o que recebe", ou seja, um lugar continente.

Ao nos depararmos com a palavra "lugar", geralmente o que nos vem à mente é um espaço físico demarcado. Ao contrário disso, no título dessa obra, essa palavra tem o seu sentido amplificado, já que *agbalá* não deve ser entendido como um lugar físico e sim como um lugar de pertencimento concernente à experiência vivida, como nos explica a própria autora: "Cada um, a seu modo, registrava histórias pessoais, a convivência com o sagrado e a identidade de seu povo. Como se cada um, dentro de si, tivesse a semente e a memória do lugar. Um infinito *agbalá*." (CASTANHA, 2007:6). São justamente os frutos dessa semente plantada no âmago dos brasileiros que apreciaremos durante este artigo.

Já a palavra "continente" apresenta alguns significados dos quais dois nos interessam em especial. Segundo FERREIRA (1986) em seu dicionário, "continente" pode ter como significado: "1 - Aquilo que contém algo; 2 - Que tem continência" (1986:951). Se pensarmos em continente como sendo "o que contém algo", podemos entender que o continente africano seria esse lugar de contenção, de acolhimento capaz de comportar uma riqueza de mitos, tradições e cultura. Ou ainda, podemos compreender que continente é algo contínuo, ininterrupto, assim como a influência cultural que recebemos dos povos africanos, e que vem sendo reiterada através de alguns de nossos costumes e crenças, além de ser transmitida continuamente de geração a geração.

A variedade cultural desse continente tem chamado a atenção de muitos, principalmente após a sanção da Lei 10639/03 que tornou obrigatório o estudo da cultura afrobrasileira nas escolas de todo o Brasil. Em 2008, a orientação contida nessa legislação foi ampliada através da sanção da Lei 11645 que reafirma a obrigatoriedade desse estudo nas escolas como inclui também a cultura indígena que, ao lado da africana, muito contribuiu para a formação da cultura brasileira.

Com o surgimento dessas leis, muitos autores volveram seus olhos para África, produzindo várias obras abordando os costumes ali presentes. Atualmente, ao visitarmos as grandes livrarias, percebemos que encontrar publicações que apresentam como temática a história ou os costumes africanos não é algo raro, mas que a qualidade de grande parte dessas obras é contestável. O que temos são

muitos textos que reproduzem uma visão estereotipada do continente africano, não tendo uma preocupação em mostrar a sua diversidade cultural, mas em ressaltar os seus problemas sócio-econômicos ou ainda tratar a sua mitologia como algo menor.

Indo em direção contrária a esse movimento, em *Agbalá: um lugar continente* (2007) Marilda Castanha nos apresenta uma obra muito bem cuidada no que diz respeito à linguagem verbal e não-verbal. Percebemos claramente que por trás desse resultado tivemos uma profunda pesquisa e um envolvimento com a feitura do livro, e não só uma preocupação em acatar a tendência do mercado editorial.

A autora e ilustradora dessa obra da literatura juvenil brasileira nasceu em Minas Gerais onde, desde menina, se viu atraída pela arte de desenhar, o que a levou até a Faculdade Federal de Minas Gerais onde se formou em Belas Artes, dando início a sua carreira como ilustradora. Seu trabalho rendeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. Dentre eles, vale ressaltar o prêmio de melhor livro informativo recebido em 2002 pela obra *Agbalá: um lugar continente* (2007). Vale lembrar que a primeira edição deste livro foi publicada pela Editora Formato em 2001, sendo relançado em 2007 pela editora Cosac Naify em uma edição revista pela autora.

Trata-se de um livro informativo voltado para o público juvenil e que faz parte de uma coleção chamada "Histórias para contar história" composta por cinco livros que tratam de fatos importantes da história do nosso país. Apresenta uma primeira parte que tem como foco questões históricas envolvendo África e Brasil; uma segunda parte que vai tratar de questões culturais afrobrasileiras[1] e uma terceira parte intitulada "De olho na história", que traz pequenas notas sobre diversos assuntos como religião, leis e personalidades negras importantes. Portanto, não se trata de uma narrativa e sim de uma série de informações históricas, porém apresentadas de uma forma não maçante, visto que há um ajuste na linguagem utilizada de modo a suavizar o caráter informativo da obra. Nesse livro, Marilda Castanha traça um novo olhar sobre a trajetória dos negros em solo africano e brasileiro.

As ilustrações apresentadas não são apenas legendas do texto, mas sim uma narrativa paralela que remete, durante todo o tempo, a costumes e crenças africanos. Para obter tal resultado, a autora se inspirou em artistas afrobrasileiros como o baiano Rubem Valentim, uma grande referência para a autora. Segundo ela, o que a encanta é a propriedade com que ele trabalha cores, formas e simbologia, assim como a união de religiosidade e modernidade. Além dele, serviram também de parâmetro para as ilustrações desse livro o sacerdote artista Mestre Didi, a mineira Niobe Xandó, as esculturas e os tecidos africanos.

A ilustradora utiliza, além de traços marcantes, tons variados e vibrantes, enriquecendo o texto escrito e preenchendo de cores as imagens, como ela mesma nos relata em entrevista:

Mas não só o colorido, como também a forma com a qual eu "tratei" as imagens do livro seria muito importante para mim. Fui percebendo que não poderia apenas desenhar cenas e personagens. Para tentar dar voz, espírito e corpo às imagens eu precisava de algo mais. Então comecei a pensar como que a matéria e as texturas presentes em muitas esculturas africanas representam também a tradição, o passado, o acúmulo (no sentido de riqueza cultural). Por isto várias artes do livro têm camadas e camadas de tinta. Em algumas eu usava o lado do cabo do pincel, para poder sulcar a tinta, e ter

movimentos mais gestuais, mais "fortes", como na arte da página 13, por exemplo. Sentia que eu precisava de uma atitude mais intensa, mais determinada para fazer as artes, como se eu pudesse, através destas camadas de tinta, tentar "materializar" este sentimento de tradição, de tempo, de passado. (CASTANHA, 2009:sp)

Por conta da riqueza de informações contidas em *Agbalá: um lugar continente* (2007), deteremos nossa atenção a dois aspectos. O primeiro é a influência africana na cultura brasileira de um modo geral, dando uma atenção especial para a mitologia e o rito; o segundo é a força da palavra e a importância da oralidade em África. Esses temas nos saltaram aos olhos, pois percebemos que no que diz respeito a aspectos mais evidentes como o mito e o rito, reconhecemos sem pestanejar a influência africana na formação da cultura do povo brasileiro. Mas quando colocamos em questão aspectos menos evidentes, como o vocabulário, por exemplo, essas influência já estão de tal forma enraizadas em nossa cultura que esquecemos ou até desconhecemos a sua origem. Outro ponto que influenciou essa escolha foi a importância da palavra para a cultura africana e também na obra que está sendo analisada, visto que a autora escolhe, não por acaso, uma palavra em iorubá para dar título ao livro.

No dia-a-dia do brasileiro, podemos observar várias contribuições africanas presentes em nossa cultura. Não há como pensar em música brasileira sem lembrar de samba e da nossa tão conhecida ginga - palavra derivada da língua africana quimbundo que, além de outros significados, nomeava uma importante rainha de África. Aliás, nosso vocabulário está repleto de palavras de origem africana como caçula, encabulado e macaco, perrengue. Na culinária, temos a feijoada, o caruru, o vatapá e muitos outros pratos vindos de África. Essas e outras características que fizeram parte da bagagem cultural trazida pelos negros escravizados também são apontadas na obra em foco.

O mesmo ocorre com os mitos e ritos africanos, normalmente relacionados com os negros e, por consequência, com a África. No entanto a sua aceitação não é tão boa já que geralmente são taxados como uma maneira primitiva de cultivar. A mitologia africana é vista como menor e não como um aspecto cultural de um povo. É interessante constatar que as mitologias grega e romana, muito conhecidas no mundo ocidental, não carregam consigo esse estigma. Como referencial de cultura pagã, com seus deuses e narrativas, a mitologia desses povos se assemelha estruturalmente à africana. Enquanto as primeiras são muito bem aceitas, estando longe de serem relacionadas com forças ocultas e malignas, o mesmo não ocorre com a segunda. Talvez por sua origem, a África, ou por conta da forma como se realizam os seus ritos, a mitologia africana carrega consigo essa marca: um culto a forças demoníacas, sendo diretamente relacionada às questões religiosas. Seria interessante a revisão desse conceito objetivando ampliar a visão acerca do caráter mitológico dos deuses africanos, possibilitando o melhor conhecimento dessa cultura riquíssima em ensinamentos, tal qual a grega e a romana.

Ainda na comparação entre as culturas, no caso das mitologias grega e romana, percebemos que elas estão presas a um passado distante, embora sejam bastante revisitadas. Já a mitologia africana traz consigo uma infinidade de ritos, o que faz com que seus mitos se tornem vivos e capazes de fornecer os modelos para a conduta humana, ajudando-nos a compreender melhor alguns costumes da contemporaneidade como nos diz o historiador e filósofo das religiões Mircea Eliade: "Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais

não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos" (2007:8)

Uma prova desse estreitamento entre mitologia e o cotidiano são os orixás que, segundo a mitologia, são divindades espirituais presentes na criação do mundo. Em *Agbalá: um lugar continente* (2007), Marilda Castanha nos apresenta os orixás e suas características, visto que no candomblé "a cada orixá é consagrado uma cor, um alimento ou uma dança, de acordo com suas características, qualidades e simbologia" (2007:20). Cada um tem um domínio como é o caso de Ossãe, deus das ervas, e Iemanjá, protetora das águas salgadas. Nos cultos religiosos afrobrasileiros, as pessoas buscam nos orixás orientação e solução para os problemas do cotidiano.

Com isso, entendemos que ao celebrar os rituais, buscamos (re)viver os mitos, fazendo com que não sejam apenas uma história de um passado distante, mas algo presente em nossas vidas capaz de mostrar a força da tradição africana como nos diz a própria Marilda Castanha: "Nesses rituais se homenageiam os espíritos, e estes, por sua vez, abençoam seus descendentes. Ao afirmar a importância de cada pessoa para todo o grupo, os africanos mostram a força das suas origens, através da vivência de suas tradições e festas." (2007:25)

Um outro aspecto presente na obra que também faz parte da tradição africana é a importância da palavra. Por conta de grupos étnicos ágrafos que habitavam e ainda habitam a África, os costumes e tradições desses povos eram transmitidos através da oralidade. Com isso surge uma figura muito importante na sociedade africana que são os contadores de história. Cabia a eles transmitir aos mais jovens os feitos e crenças da sociedade em que estavam inseridos. A autora nos lembra que essa tradição foi, por muitos anos, mantida no Brasil através dos *akpalô*, os fazedores de contos, que narravam histórias por onde passavam.

Essa mesma arte podia também ser vista tanto nas "negras velhas" que contavam histórias para as negras que eram amas de leite dos meninos brancos, ou ainda quanto essas amas reproduziam as histórias por elas ouvidas para as crianças, filhos de seus escravizadores. Fazendo um sincretismo entre essas histórias e as portuguesas com suas princesas e madrastas, as negras africanas transformavam palavras, criavam outras e aproximando a língua portuguesa às línguas africanas. Ainda hoje, crônicas, provérbios, adivinhações e canções mantêm, dentro e fora dos terreiros, a transmissão da tradição por meio da oralidade.

Embora não apontada na obra que analisamos no momento, na contemporaneidade, a importância da palavra é percebida através de uma forte manifestação, o *rap*, como nos lembra a historiadora Mariana de Mello e Souza.

Nele [o *rap*] a força da musicalidade africana está presente em circuitos que unem os negros dos Estados Unidos aos negros do Brasil, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo. Tanto os ritmos marcados e repetitivos, como a força a palavra, e especialmente da palavra cantada, remete a características das sociedades africanas. [...]. Geralmente acompanhado a música há um tipo específico de dança, conhecido como *break*, no qual as marcas africanas também são evidentes. (2008:138 - **acrécimo nosso**)

O *rap* pode ser visto como uma forma de resistência à adoção dos valores do mundo branco dominante, com a valorização das raízes africanas. Embora sejam muitas vezes acusados de incitar à violência, os grupos de *rap* geralmente

desenvolvem atividades junto às comunidades das quais fazem parte na tentativa de provocar, de certa forma, uma transformação social.

Diante do reconhecimento da importância da história e cultura africana assim como da sua colaboração para a formação da cultura brasileira, medidas legais vêm sendo adotadas, entre elas a obrigatoriedade do estudo da cultura afro-brasileira e a história da África nas escolas como já foi dito anteriormente. Espantamos o fato de ter de haver uma lei, aliás pouco cumprida, para dar a essa cultura a importância devida. Isso mostra que as pessoas insistem em manter uma visão estereotipada criada em torno da África e de tudo que vem de lá. No entanto, livros como o *Agbalá: um lugar continente* (2007), que tratam a cultura africana e afrobrasileira com seriedade, proporcionam um trabalho produtivo em sala de aula.

Percebemos também que um dos motivos do não cumprimento da Lei 11645/08 é a falta de conhecimento dos docentes acerca do assunto. Se por um lado o governo não incentiva precariamente o aperfeiçoamento dos professores, por outro lado, não há, muitas vezes, por parte dos próprios educadores o interesse pelo assunto, ou o entendimento da importância das culturas africanas e indígenas para a formação da cultura brasileira.

O proveitoso seria que tivéssemos sobre a África um olhar interessado capaz de enxergar nela um vilarejo, não no sentido de um local pouco povoado e simplório, mas sim observando o vilarejo apresentado por Marisa Monte quando ela diz que há "por cima das casas cal/ frutas em qualquer quintal/ peitos fartos, filhos fortes/ sonho semeando o mundo real". Assim, perceberíamos o quanto os negros, filhos fortes de África, semearam com os encantos de seus mitos e crenças o nosso mundo ocidental. Marisa Monte diz ainda que "lá o tempo espera/ lá é primavera/ portas e janelas ficam sempre abertas/ pra sorte entrar", nos lembrando que, pensando em África, as janelas que trouxeram a cultura desse continente até nós ainda não se fecharam, já que seus costumes são perpetuados continuamente em nosso país. E para encerrar a canção, ela nos apresenta a belíssima imagem de "flores enfeitando/ os caminhos, os vestidos, os destinos" que é exatamente o que essa riquíssima cultura tem feito cotidianamente.

Permitamo-nos nutrir o nosso *agbalá* com a força, os sons, os cheiros e cores que vêm de África.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGBALÁ. In: FONSECA JÚNIOR, Eduardo. *Dicionário Yorubá (Nagô) Português*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1988. p.15.

CASTANHA, Marilda. *Agbalá: um lugar continente*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CASTANHA, Marilda. Rio de Janeiro, 2009. Entrevista concedida a Denise Santos em julho de 2009.

CONTINENTE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 951.

Gbá. In: FONSECA JÚNIOR, Eduardo. *Dicionário Yorubá (Nagô) Português*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1988. p.159.

MIRCEA, Eliade. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MONTE, Marisa et al. Vilarejo. Intérprete: Marisa Monte. In MONTE, Marisa. **Infinito Particular**. Rio de Janeiro: EMI, 2006. CD, faixa 2.

ROSSI, Newton *apud* FONSECA JÚNIOR, Eduardo. *Dicionário Antológico da Cultura Afro-brasílica: português-yorubá-nagô-angola-gêge: incluindo as ervas dos orixás, doenças, usos e fitologia das ervas*. São Paulo: Maltese, 1995. p. 141-142.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2008. p. 138.

---

[1] Essa divisão em primeira e segunda parte foi feita a partir dos conteúdos abordados, não havendo na obra uma divisão através de subtítulos.